

Anno 2°.

N° 47

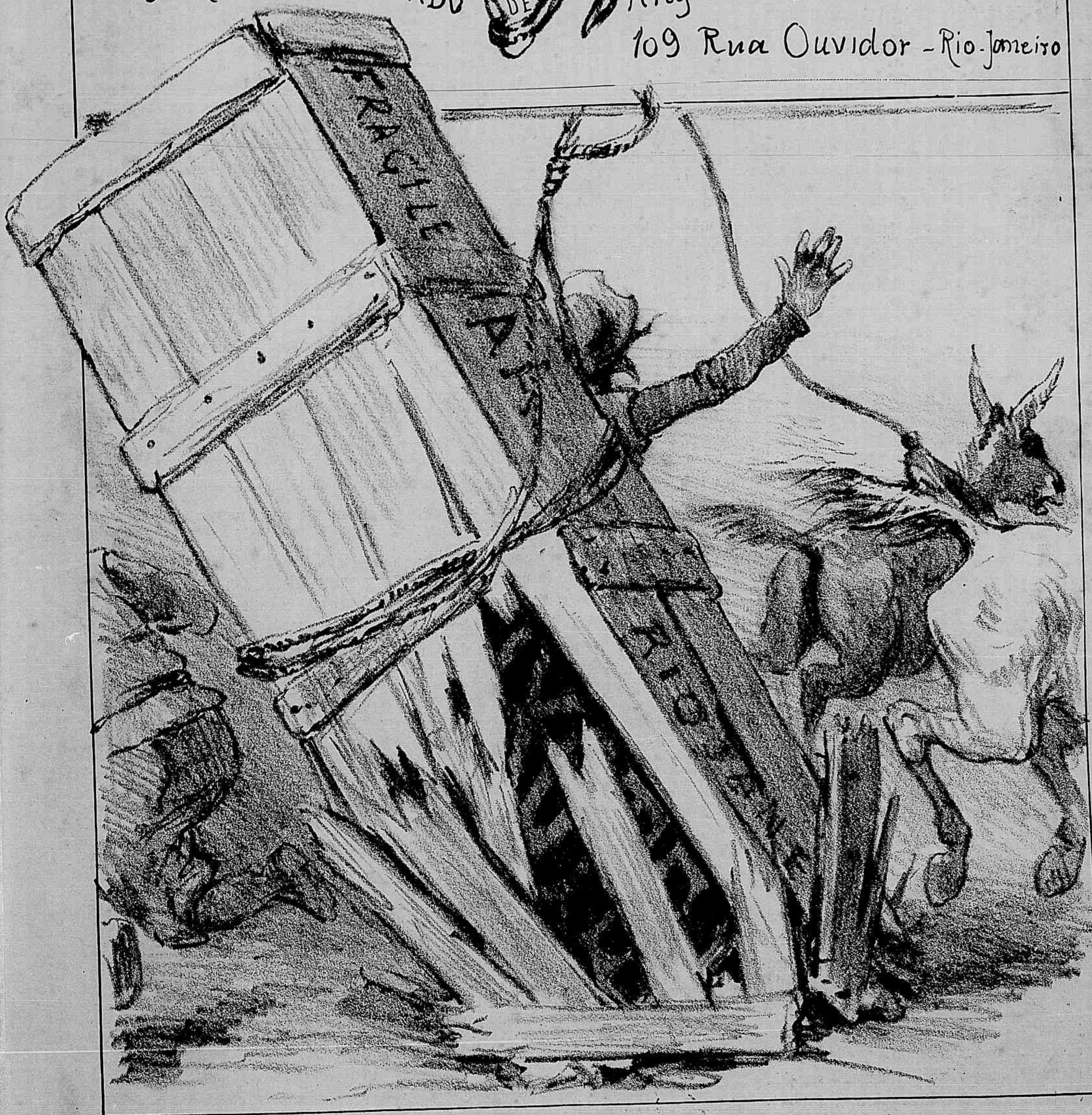
DON QUIXOTE

JORNAL ILLUSTRADO

DE

Angelo Agostini.

109 Rua Ouvidor - Rio-Janeiro



— Era só o que faltava!!!

EXPEDIENTE

PREÇO DAS ASSIGNATURAS

CAPITAL		ESTADOS	
Anno.....	25\$000	Anno.....	30\$000
Semestre....	14\$000	Semestre....	16\$000

Os senhores assignantes dos Estados podem enviar-nos a importância das assignaturas, em cartas registradas ou em vales postaes.

DON QUIXOTE

RIO, 18 DE JANEIRO DE 1895.

MANIFESTO MONARCHISTA

Foi o acontecimento capital da semana e attrahiu forçosamente a attenção do paiz o manifesto « A' nação brasileira », que ha dias publicaram os Srs. visconde de Ouro-Preto, conselheiro João Alfredo, D. de Andrade Figueira, Carlos Affonso e Lafayette Rodrigues Pereira.

Os nomes illustres d'estes antigos estadistas do Imperio, alguns d'elles aureolados por uma vida publica cheia de serviços á Patria, bastariam para dar a esse documento politico o alto valor que ninguem pretende recusar-lhe. O assumpto d'elle, porém, vale ainda mais do que os nomes, por isso mesmo que se trata do bem da Patria e dos destinos do Brasil.

O manifesto correspondeu a expectativa dos monarchistas? Representa por ventura um acto de patriotismo de bons brasileiros?

Nem uma, nem outra cousa.

O documento politico dos cinco chefes, si é certo que não poupa os desmandos do governo republicano nem as desgraças que nos sobrevieram com a nova ordem de cousas, é todavia nebuloso quanto aos fins do partido monarchista e deixa no vago os meios de que conta elle servir-se para realizar os seu intuitos.

Depois de cinco annos de meditação, era licito esperar qualquer cousa de mais incisivo e mais claro. Será porque os elementos heterogeneos e quasi antagonicos, de que actualmente se compõe esse directorio, não chegaram ainda ao perfeito accôrdo?

O que é certo é que a leitura do ensombrado *Manifesto* não pôde satisfazer a maioria dos soffregos adeptos da restauração monarchica.

Esse documento finalmente não é patriótico, porque na melhor das hypotheses para os seus signatarios, elle só poderia trazer uma victoria ephemera seguida de tremendos desastres para a integri-

dade da Patria e para o bem estardo povo brasileiro.

O partido monarchista pretende não só criticar os actos do governo republicano e contribuir com as luzes e a experiencia dos seus velhos estadistas para melhorar a administração e as leis, como visa mais longe: segundo a declaração supplemtar e categorica, que fizeram os mesmos chefes em uma carta de adhesão ao centro restaurador de S. Paulo, o partido trabalha pelo restabelecimento da monarchia parlamentar.

Ora a tentativa da restauração seria uma nova calamidade a accrescentar-se a todos os males que já nos produziu a insensatez ou a perversidade dos noviços que tomaram conta d'este grande paiz depois de 15 de Novembro de 1889.

O partido republicano, que era uma fracção minima ao lado de Benjamin Constant ha cinco annos passados, avolumou-se, fortaleceu-se com o grande contingente das gerações novas e com toda a massa dos homens sisudos, honestos e patriotas que convencidamente se puzeram ao serviço das novas instituições por amor da Patria. Si n'esse partido ha hoje descontentes não ha arrependidos. Ha muitos que querem uma Republica melhor; não ha quem deseje retroceder vergonhosamente ao regimen decahido e já incompativel com as tradições americanas.

A autonomia adquirida pelos Estados, o progresso real que muitos d'elles conquistaram á sombra da bandeira republicana, é outro obstáculo insuperavel á realizaçã do sonho sebastianista.

Junte-se a estes factores poderosos a absoluta falta de sympathia que deixou no Brasil a actual herdeira do honrado Imperador, e teremos em ligeiro esboço salientado a impossibilidade de realizar-se o voto da restauração.

É tarde, é muito tarde! não ha meio de transformar-se em carro de triumpho a pyra em que arderam os olhos da monarchia, — poder-se-hia dizer parodiando a phrase do grande orador franciscano.

Em taes circumstancias, o *Manifesto* constitue-se um facho incendiario, que só pôde atear paixões e gerar desordens. Consequentemente carece de patriotismo. Não é de bons brasileiros perturbar a paz e romper a harmonia, de que precisa o paiz para cicatrizar as feridas do passado e caminhar avante na conquista de um grande futuro.

A Republica é um facto; não a substituíamos pela anarchia.

Isto é conversa, com os nossos assignantes, mas não conversa fiada; é muito séria. Aquelles dos nossos amigos que até ao fim do mez não tiverem reformado as suas assignaturas, passarão pelo negro dissabor de verem suspensa a remessa do desopilante D. Quixote.

Dr. Colombo Leoni

O nome que encima estas linhas pertenceu a um homem cuja perda o Brasil não pôde bem avaliar... Que importa a grita insensata do jacobinismo nativista? Que faz a objurgatoria doentia de meia duzia de desequilibrados que mal sabem dizer o motivo de sua ogeriza contra os estrangeiros que vêm espontaneamente colaborar na reconstrução desta patria, que adoptaram por sua, e auxiliar-nos no intuito de provel-a de remedio contra os males que lhe inoculou a desabrida dictadura, que por uma projecção nefasta ainda nos infelicitam?

Repetimos: é para o Brasil uma enorme perda a morte de Colombo Leoni!

Seria preciso conhecê-lo, vel-o no campo de combate, expedito, corajoso e firme, ou na tenda das industrias, sereno, multiplice, subdividido, intelligente e ordeiro, para bem avaliar as suas qualidades raras, as suas variadas aptidões, o desdobramento extraordinario de sua personalidade, a actividade prodigiosa emprestada a tudo de que se encarregava, e, sobretudo, isto: — o desinteresse não estudado, a generosidade superior e o seu apego, a sua devotação ao Brasil, que elle amava como o melhor dos brasileiros!

Seria necessario admirar-o no campo da peiteja, onde sagrou-se heróe, e depois aprender a respeitar o grande talento organisador e a laboriosidade pasmosa do homem que na Exposição Industrial constituiu-se o braço direito da benemerita commissão que levou a effeito esse brilhante attestado do nosso progresso e do nosso adiantamento.

Tivemos ensejo de conhecê-lo e de apreciar os seus elevados dotes de homem de espirito superior e de character a toda a prova. O seu valor é attestado por aquelles que o viram impavido commandar a legião garibaldina, ao lado de Gumerindo Saraiva; e, logo depois, por aquelles que o tiveram como o seu mais apreciavel auxiliar na Exposição Industrial, secundando os esforços de Victorino Pereira.

Jornalista elegante, sensato e criterioso, cavalheiro em toda a extensão do vocabulo, possuindo em alto grão o nobre sentimento da affectividade, revelado pelo santo amor que consagrava á familia, pela leal cooperação ás causas justas, pela dedicação aos eleitos da sua estima rara e valiosa, Colombo deixa sua esposa e filhinha em extrema miseria...

E' a partilha dos bons, dos que esquecem o interesse proprio para consagrar-se ao bem commum.

Felizmente nossos collegas do *Jornal do Commercio* tiveram a generosa idéa de abrir uma subscrição em favor das duas sobrevi-

ventes, que occupavam grande espaço no coração do nobre morto: nós do *D. Quixote* daqui levantamos um appello ao publico, para que acuda á idéa do *Jornal* e ampare-a, solvendo em parte a divida em que ficámos para com o emerito trabalhador que estremecia o Brasil como se n'elle houvera nascido.

Merece-o e muito, a esposa do grande lida-dor, que foi uma heroína, seguindo-o em toda a penosa campanha contra o dictador do Rio Grande do Sul, e acompanhando-o n'aquella famosa retirada das tropas de Gumerindo, do Paraná para as fronteiras do Prata, com grande relevo descripta pelo proprio Leoni.

E sobre o tumulo do bom, do querido amigo —um punhado de flores e nossas immorredou-ras saudades.

Honrando a memoria do Dr. Colombo Leoni, o *D. Quixote* consagra-lhe uma de suas paginas, inserindo nella o retrato do valente e es-forçado luctador.

A SEMANA

Grande successo! Um caso estranho!
Gemeu a imprensa! *Ella* tremeu!
Ella—a Republica—n'um banho,
(Mas de prudencia) se metheu...
E' que surgiu, de entre o rebanho.
O manifesto dos graúdos.
Ai! como vêm... São manteúdos,
Mansos, cordatos, Pai do Céu!

De muito tempo era esperado
Tal documento. E o mundo o viu
Entre risinho e admirado,
Pois espantou-se,— mas sorriu!
Tanto barulho antecipado,
Tantos os ais da monarchia...
Parturiente, ella gemia:
—E um ratinho alfim pariu!

Dentro do barco-manifesto
Cinco durões; e não virou
Ao peso tal! E alegre, mesto,
Ao povo todo deleitou.
Vêm discutir; mas quanto ao resto,
Nem propaganda e nem mais nada;
Uma agua morna, assucarada...
Por tal tirada eu nada dou!

No meio d'elles, Lafayette
Faz mais figura... um figurão!
Pintou, no imperio, o padre o sete;
Tinha á Republica affeição.
Foi mesmo chefe, e quasi mette
A monarchia n'um chinello...
Hoje só diz a quem vai vel-o:
«—*Puede* que sim, *puede* que não!»

* *

Os bons castilhistas
Positivistas
Continuam na degola.
Se têm ás vistas
Federalistas.
Gritam logo: «Mata! Esfola!»

Que gente mansa!
Como ella dança
A walsa da paz fraterna!
O céu alcança
Se mais avança;
—A nós todos passa a perna!

Foi para isto que fizemos
Grandes festejos, que applaudimos
Essa cousa, chamada a Paz?!»

(Pois ao bom Deus as graças demos,
Porque inda vivos nos sentimos...
Emfim, o Julio é bom rapaz...!)

* *

Quando no dia 15 de Novembro
Tudo mudou-se na brasilica terra,
Era Firmino Pires—bem me lembro!—
O director do Arsenal de Guerra.

E tambem era coronel: e creio,
Dos monarchistas o mais emperrado,
Tanto que quasi não tiveram meio
De convencer-o a vir para o outro lado.

Mandou trancar a sete chaves tudo;
Disse que nada dava a desordeiros...
(Assim chamava então, o cabeçudo,
Os patriotas serios, verdadeiros!)

Foi trabalhinho fino, e forte, e fero,
Vencer do bicho a dura resistencia:
Imperialista de calor, sincero,
Tornou notada a sua intransigencia.

Depois... depois, viu quanto andára errado,
Ser bom republicano descobriu;
E logo, logo, veio deputado,
Foi senador e general. Subiu.

Subiu! Legisla, faz discursos muitos,
E tem de glorias alto pedestal!
Mas não lhe basta, para os seus intuitos:
—Vai dirigir de novo o Arsenal!...

•

Hoje, eil-o ahi: seu posto antigo alcança,
E' sua a vacca, lépida, de lei...

.....

Que é vacca, é. Agora se ella é mansa
Ou brava é justamente o que eu não sei!

F. MENDES.

*Uma noticia triste, mas perfeita-
mente remediavel: aquellas dos nos-
sos assignantes que até ao fim do mez
não mandarem reformar suas assi-
gnaturas, faremos suspender a remes-
sa do D. Quixote—ainda que com gran-
de pesc na alma.*

LIVROS

Recebemos
Notas de um reporter, por Ernesto Senna.
Um livro interessante, que tem sido recebido, e
com justiça, com grande carinho, por toda a
nossa imprensa. O activo reporter, que se tripli-

ca em escriptor, coronel da milicia civil e agen-
ciador de excellentes noticias, teve a boa ideia
de, documentando o seu talento, pelos artigos
criteriosos, descriptivos dos nossos principaes
estabelecimentos, ajuntar ao seu volume um
curiosissimo repositorio de anedotas de alguns
dos nossos homens mais conhecidos no meio
politico, na imprensa, na litteratura, nas scien-
cias, constituindo assim, em dois rapidos traços,
perfis completos de taes individualidades. O que
quer dizer que E. Senna sae da bitola commum,
estreita, em que entre nós exercem seu mister
os reporters, que na maioria se limitam a ir bus-
car a noticia, copial-a e dal-a seccamente á
composição. Este, não; por onde passou, viu,
examinou, criticou, formou seguro critério e
guardou comsigo o resultado de sua observa-
ção fina, para depois enfeixal-o em volume no
qual expoz ao vivo os grandes homens que sur-
prehendeu em mangas de camisa, e com verda-
de muitos factos que na epocha não tiveram
explicação satisfactoria, porque conveniências de
momento exigiam que se os deixasse em proposi-
tal obscuridade.

A parte descuidos de forma, o livro de E.
Senna merece profalças. Só em um ponto foi-lhe
infel a deusa Clio, a que preside á historia, se
acaso não foi a que preside á memoria, essa pir-
racenta Mnemosina, que deve ter no Senna
um fervoroso cultor: foi quando elle fez Ben-
jamim Constant dizer a Deodoro, a 5 de novem-
bro, aconselhando-o paternalmente, que «como
presidente eleito, respeitasse cegamente a Cons-
tituição, que bem a estudasse e até a decorasse.»

Devemos lembrar-nos que depois de votada
a Constituição e de eleito Deodoro, tudo em fe-
vereiro, o 5 de novembro seguinte já marcava
48 horas do golpe tremendo contra ella vibrado,
a 3 do mesmo mez, regnante *Lucena*. Benja-
min *non erat*, e seu conselho em tal dia houve-
ra chegado tarde.

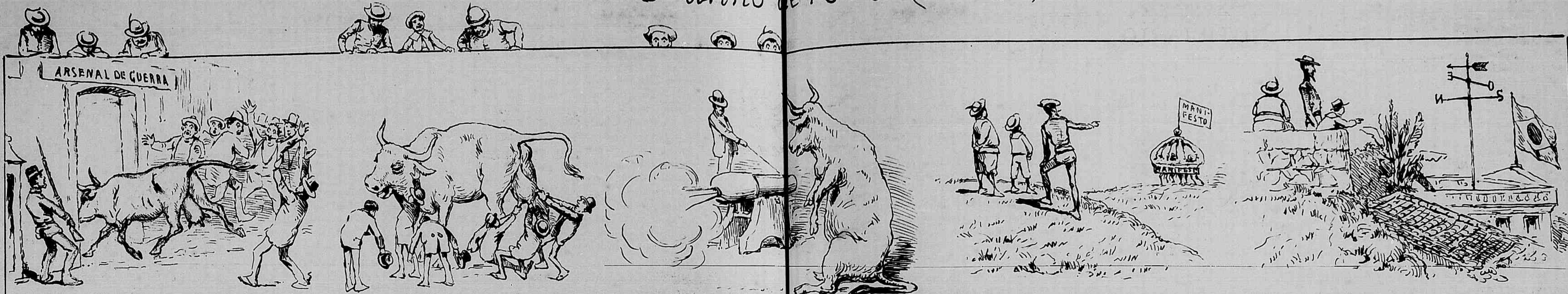
E' pequeno engano, que em nada enfeia a
curiosa e originalissima publicação de Ernesto
Senna.

Os Portuguezes no Brasil, brochura de
mais de duzentas paginas de A. F. Bandeira
Junior.

Já conhecido em nossa imprensa, por mui-
tos trabalhos assignados pelo pseudonymo de
Flag Junior, o auctor d'este opusculo realizou
uma obra meritoria vindo enfrentar com a grita
descompassada dos que, sem motivo nem jus-
tiça, atacam o elemento estrangeiro e aggridem
particularmente o portuguez, a que aliás nós
devemos a maior parte de collaboração na cons-
tituição de nossa nacionalidade.

N'esse livrinho que é tambem um ligeiro
repositorio de apanhados historicos, encon-
tram-se os nomes dos portuguezes que têm
prestado reaes serviços ao Brasil e os seus
actos de benemerencia; breves noticias sobre
as associações de beneficencia, de soccorros
mutuos, e litterarias, formadas por nossos irmãos
de além-mar, e bem assim sobre os edificios
construidos por elles em nossa capital.

E' emfim, um livro cujo contexto ampara-se
em duas forças vivas e invenciveis: —justiça e
verdade.



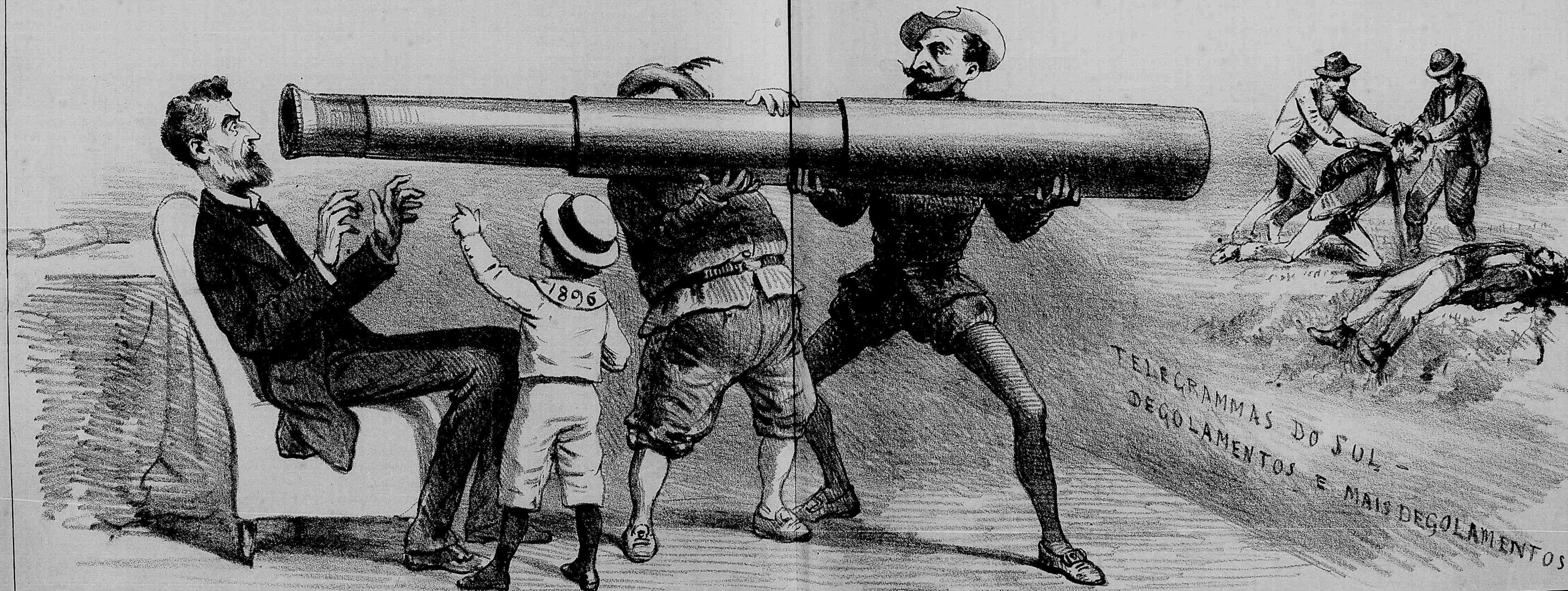
96 — Que vacca é aquella?
D.Q. — Mystérios da alta politica...
S.P. — É dizem que é uma vacca brava!

96 — Qual brava! Ha tanta gente
que a saúda...
D.Q. — Aduladores nunca faltam.
S.P. — É fornecedores ainda menos.
Não tardarão a agarrarse a... ella.

D.Q. — Consta que um d'elles, que
esteve no Paraná, vae lhe offerecer
um novo systema de canhão de
descarregar pela culatra.
S.P. — Que lhe para tom proveito.

96 — Que diabo de pastel é aquelle
que se mexe no horizonte politico?
D.Q. — Aquillo é uma prova de que
já não ha juizo, onde se sup-
punha haver!

96 — É aquelle catavento por
cima do Itamaraty?
D.Q. — É o symbolo da actual
orientação politica de quem
nos governa.



D. Quixote. — Assim como em Agosto do anno passado, aqui vimos offerecer a V. Ex.^a um bom oculo. Desta vez é para ver o que
é a tal par do Sul. — 96 — Mas assim, elle fica vendo-a por um oculo! — Sancho Pansa. — Ora!... já deve estar resignado a vê-la
assim mesmo.

NOTICIARIO

Sonho no Carcere, publicado pelo Sr. Dr. Athanagildo Barata Ribeiro.

Uma das victimas da Legalidade, tendo sido encarcerado na Casa de Detenção, onde padeceu durante longos mezes as maiores attribuições e os mais rigorosos dissabores, o Sr. Barata Ribeiro verteu para as paginas do seu livro, em forma de poema, o protesto vindicativo da sua liberdade cerceada e de sua individualidade punida por crime que não commetteu.

O seu *Sonho*, terrivel pesadello, povoado de scenas horrorosas, não é como a primeira vista parece dizer o titulo do livro, o resultado de uma illusão do espirito ou criação imaginaria de uma mente escaldada... Não, infelizmente. É um libello provado, contra os detentores do poder que ensanguentaram a patria, exerceram as maiores barbaridades contra seus irmãos, e desserviram á Republica fraudando-a em sua honra e manchando-lhe as vestes alvas.

É infelizmente a historia negra d'esse periodo de horrores, a narração fiel, pavorosamente impressionista de todos os actos da tyrannia que nos assoberbou e que deixou após si um largo rastro de sangue, grande parte do paiz coberta de lucto, e todo elle de vergonha.

Ha ahi uma relação quasi completa dos nomes dos algozes e dos de suas victimas... A gente percorre as paginas d'esse livro, sente-se transida de horror ante a exposição de tão cruas barbaridades e pergunta muito naturalmente: — e ainda ha quem justifique, quem endeose a Legalidade Negra?

Pois ha — por desgraça nossa!

F.

BELLAS ARTES

O ex-pensionista do Estado, Oscar Pereira da Silva, que chegou ultimamente da Europa, onde fora estudar durante cinco annos a difficil arte de pintura, expóz n'uma das salas da nossa Escola de Bellas Artes grande numero de trabalhos seus, que denotam real progresso, collocando-o desde já entre nós, como artista de merito incontestavel.

Sentimos a melhor impressão ao ver esses seus trabalhos que denotam estudo acurado, tanto nos seus quadros originaes, como nos desenhos ou nas copias.

Entre estas notamos a da excommunhão de *Roberto le pieux*, de Paul Lauret, perfeitamente igual ao original.

O seu quadro a *Infancia de Giotto*, representando o joven pastor desenhando suas cabras, é um grande passo na arte moderna não só pela interpretação como pela largueza da execução.

Limitamo-nos a citar estes dois trabalhos, embora haja outros merecedores de todo louvor, e damos os parabens ao joven artista pela sua bella exposição, fazendo votos para que os amadores de boa pintura o animem comprando-lhe os seus trabalhos.

Pois, como iamoz dizendo, será suspensa a remessa do D. Quixote aos nossos amigos que até fins do mez fluente não houverem reformado suas assignaturas. Nem é que não depositemos a maior confiança em nossos amaveis assignantes: — é que, infelizmente, os jornaes não podem viver só da «confiança», mas de cousa mais pratica e sobretudo mais palpavel.

A redacção do *D. Quixote* (Ouvidor 109, assignaturas 25\$ por anno para a capital, 30\$ para os Estados) continúa a passar sem novidade em sua importante saude.

Quando mal—nunca maleitas.

Telegrammas ultimos de Massouah annunciam que em um dos derradeiros ataques dos abyssinios á praça forte de Makallé (onde é?) succumbiram os ras Mangascia e Atchim.

Este ultimo, ao certo morreu espirrando. E n'aquelle momento solemne não se pôde ter dado entre os dous formidaveis ras o conhecido dialogo:

—Atchim!

—Viva!

Na Estrada Central do Brasil continuam os trens nocturnos de suburbios a sahir com uma e duas horas de atrazo, da Estação do Campo.

Os passageiros suburbanos já estão resignados á nova organização e apenas se passam da plata-forma para os wagons, põem-se a dormir. Sómente elles esperam que a administração da estrada, que tão paternalmente lhes administra uns tantos descarrillamentos e outros tantos choques de trens, de vez em quando, tambem previdentemente lhes forneça — colchões e travesseiros, de vez em sempre.

Com isso elles poderão passar bem as tres horas gastas em ir do Campo ao Engenho Novo.

Ainda não está de todo nomeado o Dr. Fernando Lobo, senador federal pelo Estado de Minas Geraes.

Continua o processo de nomeação, por antonomasia eleitoral, sendo apenas conhecidos os resultados parciaes de alguns collegios nomeadores.

Em todo caso a nomeação é certa, e brevemente já tendo S. Ex. logar no Senado ao lado do Sr. João da Secca do Ceará, poder-se-ha levar alli á scena a conhecida fabula de Lafontaine—o Lobo e o Cordeiro.

De Lafontaine, ou de Lafayette, não sabemos bem,—pois ambos foram fabulistas insignes, nos passados tempos.

O *Paiz* noticiou ha dias o anniversario natalicio do coronel Aureliano Faria, cognominando-o poderoso auxiliar da consolidação da Republica...

Que diabo faria esse Faria para consolidar-a? Foi com o chapéo do Chile? Com os saccos de cal assestados contra os presos politicos? Com as perseguições ás familias, victimas da dictadura?

Faria faria bem se nos explicasse o embrulhado caso.

Já está terminada a greve dos cocheiros e conductores de bonds da Praia Grande.

Não foi grave a greve.

Tambem a grande questão entre os dous Julios, Ottoni e Brandão, originaria das velas de cebo, teve seu fim pacifico e trouxe calma á Exposição Industrial.

Ainda d'esta vez foi o promotor da paz o Sr. Manuel Victorino, o ramo de oliveira das graves contendas.

Que nenhum dos dous Julios não lhe borre a pintura, como lhe está fazendo o outro Julio, o Terrivel I, do Rio Grande do Sul.

A *Gazeta de Noticias*, em uma das suas ditas, affirma que uns gatunos foram presos por terem roubado de uma venda algumas garrafas de vinho do Porto.

Esses gatunos não deviam ser presos,—mas admirados. Se elles descobriam vinho do Porto em uma venda d'esta cidade!

E' esta a opinião que emitem

Os reporters,
ESCENA & MONTRY.

CHRONICA DO BORRALHO

Os homens fallam em carestia, dizem que está tudo pela hora da morte e com desprezo chamam ao orçamento do coronel Serzedello a *misórdia orçamentaria*.

Grande irreverencia. O coronel protestou e eu se não fosse gato leria os linguados de S. Ex. no *Jornal do Commercio*. Não leio, mas ouço as conversas, cá do meu canto.

Garante o illustre Sr. Serzedello que dous ou tres annos desta politica, assegurada a ordem, a confiança renascera, e «teremos cambio a 18 e a 20.»

Não será para os meus dias. Como é breve a vida dos gatos! Porque a ordem eu sei que será assegurada, pelo menos na bandeira-nacional, ao lado daquelle *progresso*, por mais que os dous *hurlent de se trouver ensemble*. Porém com mais tres annos desta politica!

Não escapo. Tivesse eu o folego de sete gatos juntos. Os sete annos do regimen novo consummaram-me, estou no meu ultimo folego.

*
*
*

Mas que importa o orçamento? ha de perguntar-me algum desoccupado.

Tu não vestes, tu não calças, tu não moras; que te importa a carestia dos generos?

Egoismo dos homens. Hontem vi o patrão indignado porque pediram-lhe por um melão 200\$000. Melão enche barriga?

Concerta-se tudo. Que as fructas apodreçam nas confeitarias e immediatamente ficarão baratas. Menos gula e mais paciencia.

Não é, meu Serzedello?

Eu é que sei com que linhas me caso. Não ando pelos hoteis, é verdade, mas os ratos que apanho, coitadinhos! parecem-me uma luva secca, atirada n'uma escada de baile.

A culpa não é dos ratos, é dos homens. E também é dos ratos, porque alguns estiveram durante as sessões nos buracos da cadeia velha e pensaram que o mundo se acabava e comeram tudo e agora andam na espinha.

Que irrisão: os ratos do orçamento magros! E no fim de toda essa mixórdia passamos todos vida de cão.

Já nem ouço fallar mais no Nilo e nem no Zé Carlos e nem no Fileto Pires. Como vai triste o Rio de Janeiro! Nunca vi um começo de anno tão insipido!

Não fosse a intendencia e isto era mais lugubre que o santo sepulchro.

* *

A intendencia é quem sustenta a nota. O theatro municipal ainda não se abriu, mas dia não ha em que feche a bocca o Sr. Julio do Carmo. Com razão, aquelle prefeito só a pau.

Cahiram-lhe agora todos em cima. Vai bem a cousa. Com o devido respeito á instituição, enquanto não se inaugura o theatro, bem se pôde dar uma tourada, pois do modo porque vão as coisas mais dia, menos dia, ouve-se o grito:—*à unha, à unha!*

* *

Livra para o cargo! Melhor é defender Nietheroy. Já cem contos de reis estão votados para as estatuas dos defensores de lá. Diz a noticia que foram elles o marechal Floriano, general Fonseca Ramos e outros.

Ora ali está — e outros. Quantos?

Quem sabelá! Foram tantos! Vai ser como em photographia: apparece todo o povo que esteve presente. Boa lembrança.

Nietheroy terá população d'essa vez e população pacifica, de pedra ou de bronze, que não come da thesouraria, nem grita no meio da rua; gente quieta. Aproveita, minha gente!

Seja como, fôr o Estado do Rio paga sua divida de honra; e nós?

— Quando levantaremos as estatuas do Marechal, do Valladão e do Soromenho, os tres braços da Legalidade?

GATO PRETO.

JOÃO DE DEUS

Mais uma notavel individualidade desapareceu de entre os vivos, cobrindo de lucto as lettras portuguezas, que de ha tempos a esta parte têm soffrido os mais profundos e repetidos golpes.

O mimoso poeta das *Flores do Campo* e benemerito auctor da *Cartilha Maternal*, teve ainda assim a rara fortuna de assistir em vida á sua propria apotheose, n'uma manifestação commovente e retumbante, em que tomou parte toda a sociedade portugueza—desde o rei até o mais humilde burguez. O grande glorioso, a quem um seu par na litteratura denominou o primeiro *lyrico do mundo*, não morreu, no entanto: a sua obra, ingente, imperecível, doou-lhe a immortalidade.

A difficuldade de encontrar um bom retrato do illustre morto priva o D. Quixote de render-lhe o devido preito, re-produzindo-o em suas paginas.

Manifesto-nephelibata

Oh! musa, alegre-te,
Pula contente
Que, finalmente,
Elles ahí estão!
Fortes, intrepidos,
Bons patriotas,
De espora e botas
Combater vão.

Por Santa Barbara,
Que manifesto!
Que bello texto!
Que fallação!
E o iniquo publico
Os olhos alça
E dá-lhe falsa
Interpretação.

O povo célere,
De alma insoffrida,
Sente outra vida
No coração.
Descobre em jubilo
(Grato segredo!)
Que alli ha dedo
De cameleão.

Figura celebre,
Nobre comparsa,
Mal se disfarça
Na oração.
Fôra a arrogancia!
Fôra a bravata.
Franqueza mata...
—E' sim e é não.

* *

Mas de repente, erguendo a voz insana,
Uma figura

De grande altura
Assim grita ao Brasil embasbacado:
Não sou banana!
Servo sou muito humilde e devotado
Da Minha Augusta Soberana.

Não admitto jamais que a meu respeito
Qualquer sugeito,
Sem mais aquella,
Diga aquillo que fôr do seu agrado.
Não sou banana.
Servo sou muito humilde e devotado
Da Minha Augusta Soberana.

Cargo algum da Republica me serve,
Já na cabeça
Meu sangue ferve!
Servir a uma Republica como essa!
Nem eleitor serei, gente profana,
Nem siquer serei misero jurado.
Servo sou muito humilde e dedicado
Da Minha Augusta Soberana.

Pois meu amigo,
Se has de servir com tal imperatriz
Nunca mais, nunca mais contam contigo
Os Brasis.
Porque já disse um dia da tribuna
Da igreja um dos mais celebres doutores:
— «Mal haja quem de impafia a vela infuna!
Deus não quer roncadores!

Melhor é não dar cavaco,
Pela bocca morre o peixe
No torto anzol dos calmos pescadores.
Nunca haverá quem se queixe
Por ter a viola no sacco...
Deus não quer roncadores.

GIL.

Assim pois, muita attenção: aos assignantes retardatarios, que não hajam reformado suas respectivas assignaturas até o fim do corrente mez, vai ser suspensa a remessa do D. Quixote—e o que será um descabro para os nossos caros amigos.

THEATROS

— ? ? ?
— ! ! !

TONY.

A NOSSA ESTANTE

Recebemos e agradecemos:

REVISTA MARITIMA BRASILEIRA, n. 3, 15º anno, publicação da Bibliotheca da Marinha. Traz uma interessante noticia sobre o submarino Goubet 2º.

A EXPOSIÇÃO ARTISTICA INDUSTRIAL, do Lyceu Benjamin Constant, do Estado do Pará. Importante volume, nitidamente impresso, no qual se encontra noticia sobre os expositores e detalhado estudo da brilhante exposição effectuada o anno passado n'aquelle adiantado Estado da União.

A TOUTINEGRA DO MOINHO, (continuação) romance de Emilio Richebourg. Tomo 8º, pertencente á nova collecção popular.

NOTICIA sobre a Companhia Industrial de Stearina, e os seus productos expostos na Escola de S. José.

EXPOSIÇÃO INDUSTRIAL de 1895, NO RIO DE JANEIRO. D'esta publicação, que forçosamente será tão interessante quanto util, recebemos o 1º fasciculo. Trata-se de uma desenvolvida noticia sobre a nossa actual Exposição da Industria Nacional, sua inauguração, seu aspecto geral e importancia economica, analyse e apreciação dos principaes productos expostos, illustrada com photographias e zincographias. Redige-a o conhecido escriptor A. Lopes Cardoso, auxiliado por diversos collaboradores de não menor valia. O primeiro fasciculo abre com um excellente retrato do Dr. Manuel Victorino, traz um artigo de introdução, de L. Cardoso, outro do Dr. Eunapio Deiró, e noticias sobre objectos expostos; a impressão, da casa Mont'Alverne, é elegante, nitida e apropriada ao assumpto a que se destina.

O CENACULO, a brilhante revista paranaense, 9º fasciculo do 1º anno. Destaca-se na sua summa o *Benedicto Buzina*, apreciavel conto de Julio Pernetta.

REVISTA BRASILEIRA, 26º fasciculo do 2º anno, correspondente a 15 do corrente. Segue esta publicação a sua carreira gloriosa, impulsionada pela competencia indiscutivel e provada illustração do Sr. José Verissimo. No presente numero, entre outros brilhantes artigos, evidencia-se um, de fino quilate litterario, acerca de Raul Pompeia, e assignado pelo Dr. Rodrigo Octavio.

Ao PUBLICO, acção decendiaria, do fôro de S. Paulo; exposição em que se mostra (affirma o frontespicio) a improcedencia da acção intentada por alguns portadores de bilhetes da loteria do Ypiranga, para haverem o pagamento do seu valor — e tudo isto pelo Sr. barão de Ramalho. Nada entendemos d'este caso; nem sequer compramos bilhetes d'essa, ou de qualquer loteria.

QUESTÃO sobre concorrência desleal, em que são auctores os Srs. Ortigão, Santos & Comp. e réos os Srs. Cerqueira e Soares. Ao que parece, aquelles tinham por si a razão, desde que estes foram condemnados por um accordão do Tribunal Civil e Criminal.

A CIGARRA, n.º 37, que ainda uma vez — e ao que se diz, pela ultima — documenta o levantado espirito artistico de Julião Machado.

E explicamos: é que o fino humorista do lapis abandona a *Cigarra* e vai fundar um outro periodico do mesmo genero. Aqui ou alli, o Julião é sempre recebido na proporção do seu enorme talento.

Recebemos ainda:

MUSICAS: *Feitico*, polka de Abdon Milanez; *Musidora*, walsa de Julio Reis; *Chrysalida*, walsa do mesmo compositor; *Gato Branco*, de Juca Storoni, — todas impressas nas excellentes officinas de J. Bevilacqua & Comp.; *Não me serve*, polka de Jayme de Moura, editada pela conhecida casa Buschmann & Guimarães.

FOLHINHAS, do gabinete cirurgico-dentario do Dr. A. Chavantes & M. Belfort.

CONVITES para as festas de hoje, do Club dos Fenianos, e do Club dos Democráticos, e as quaes deverão estar animadissimas á julgar dos preparativos feitos e do glorioso passado dos alegres foliões. São bailes á fantasia... e basta.

Officinas de obras do JORNAL DO BRASIL



*Dr. Francisco Colombo Leoni.
Homenagem do D. Quixote*